

## Para além da pulsão de morte<sup>[1]</sup>

Leopoldo Fulgencio<sup>[2]</sup>

**RESUMO:** Nesta conferência procuro retomar a caracterização do que é, epistemológica e praticamente, a pulsão de morte para Freud, remetendo tanto ao seu kantismo quanto à afirmação de que a pulsão de morte é uma especulação de valor apenas heurístico que visa explicar fenômenos tais como a compulsão à repetição e a agressividade ou destrutividade do ser humano. Em seguida, retomando algumas críticas a essa noção, considerada por Winnicott como o único *erro* de Freud, procuro mostrar alternativas para solucionar os problemas que eram antes explicados com o uso da pulsão de morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** pulsão de morte, especulação, Kant, Winnicott, integração

---

1. Texto estabelecido a partir de conferência apresentada em 19 de maio de 2023 na mesa “Novas considerações sobre a pulsão de morte” da VI Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

2. Psicanalista. Professor associado II (livre-docente) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e chefe do Departamento de Psicologia Escolar, do Desenvolvimento e da Personalidade da mesma instituição.

A pulsão de morte é, realmente... de morte!

Ela tem sido um dos conceitos mais controversos e polêmicos da metapsicologia freudiana, com apoiadores e opositores ferozes. O livro de André Green (2010) *Pourquoi les pulsions de destruction et de mort? (Por que as pulsões de destruição ou de morte?*, ed. Blucher), bem como a quantidade de artigos sobre esse conceito (ou que o utilizam) – tal como indica uma das estatísticas da Psychoanalytic Electronic Publishing (PUB), com 5.302 referências – evidenciam a importância e a atualidade do conceito proposto por Freud em 1920.

Evidentemente, perguntamos se a *pulsão de morte*<sup>[3]</sup> é um fato, um princípio universal da natureza, um tipo de verdade ou mentira sobre as dinâmicas que impulsionam a vida psíquica e a natureza humana, uma suposição metafísica, uma metáfora, uma especulação, um mito, um instrumento, um erro ou, ainda, e mais fundamentalmente, se ela é útil para resolver os problemas a partir dos quais foi proposta.

Procuramos, então, dissecá-la, abordando seu entendimento de diversos pontos de vista, não todos, mas focando a atenção em Freud e Winnicott, e alguns comentadores.

André Green (2010) propôs uma delimitação que, digamos assim, “puxa a sardinha” para o nosso lado, afirmando que é mais profícuo procurar compreensão da pulsão de morte no terreno da psicanálise, considerando-a uma “prata da casa”, cujo sentido e referência não poderia ser encontrado noutros lugares. Para ele, a referência aos filósofos (próximos a Freud, como Schopenhauer e Nietzsche, ou, mais atual, Deleuze) é um caminho insuficiente para explicar essa concepção, avaliando que são decepcionantes, para a psicanálise, as respostas que a filosofia oferece. Ele, que tem apreço profundo pela pulsão de morte, afirma, neste sentido: “abandonemos, pois, toda esperança [de compreender a pulsão de morte] do lado da filosofia” (p. 9).<sup>[4]</sup> Ele propõe, então, que procuremos nossas respostas no campo teórico e prático da psicanálise, pois só nesse contexto semântico e epistemológico é que poderíamos encontrar seu sentido, sua gênese, seu referente e seu valor.

Me proponho, aqui, a seguir parcialmente a mesma direção proposta por Green, explicitando o conceito no campo da psicanálise, mas, diferentemente dele, até mesmo contrariando-o parcialmente, começar pela filosofia, reconhecendo que nela encontramos fundamentos para compreensão da pulsão de morte, *em acordo e reiterados pelo próprio Freud*, para, então, abandonar as universalidades filosóficas em direção à práxis científica da psicanálise, visando analisar em que sentido Freud e Klein usaram a pulsão de morte, como conceito auxiliar especulativo, para entender e agir em determinadas situações e fenômenos clínicos.

3. O termo, em alemão, é *Todestrieb* (pulsão de morte), por oposição a *Lebenstrieb* (pulsão de vida), ambos compostos com a raiz *Trieb*. Em inglês, foi traduzido por *instinct* ou *drive*; em francês, *pulsion*; em português, *instinto* e *pulsão*. Winnicott, autor que terá um lugar central no desenvolvimento deste texto, utiliza, para esse referente, preponderantemente *instinct* e *instinctual drive*, sendo *drive* usado em diferentes contextos nem sempre referente aos instintos. Mantereí, em geral, o uso afrancesado *pulsão*, visando referir-me ao *Trieb* de Freud, na sua especificidade.

4. As citações de obras cuja edição indicada na bibliografia é de publicação estrangeira foram traduzidas livremente pelo autor.

## A natureza epistemológica do conceito de pulsão de morte para Freud

No texto “Instincts and their vicissitudes” (*As pulsões e seus destinos*, ed. Autêntica), Freud (1915/1954) caracteriza as pulsões como *ideias abstratas, convenções*, ainda que fundamentalmente *necessárias*. Dada, no entanto, a dificuldade em apreender o que elas são, Freud procura fornecer um conteúdo empírico a esse conceito, usando diversas analogias com outros fenômenos ou sistemas da natureza. Avancemos à explicitação do fato de que Freud pensa as pulsões como se fossem forças psíquicas, análogas, em dignidade, às forças fundamentais que impulsionam os movimentos na natureza tal como a física considera.

Sabemos que ele supôs um primeiro par fundamental (pulsão de autoconservação versus pulsão sexual) e um segundo, mais amplo, visando dar conta dos problemas clínicos que enfrentava (a pulsão de vida e a de morte). Nesta direção, de forma explícita e referente às forças de atração e repulsão, Freud afirmará que a pulsão de morte corresponde a um análogo psíquico da força de repulsão que caracteriza o mundo físico; uma tendência psíquica (análoga à que supõe a lei da entropia para o universo físico) para a descarga das excitações vividas pelo homem: um análogo psíquico das forças de repulsão presentes na natureza, ao lado das forças de atração, constituindo o par básico de forças universais que impulsionam o universo.

Na sua correspondência com Einstein, ele reitera sua posição de considerar as pulsões como forças perguntando a Einstein: “mas toda ciência da natureza não recorre a um tal tipo de mitologia? Não é assim também para você, atualmente na física?” (Einstein & Freud, 1933/1954, p. 212). Freud tem em mente uma posição epistemológica partilhada com Einstein, na comunhão de ambos com a afirmação de Ernst Mach:

Nós podemos caracterizar com o nome de *mitologia da natureza* esta ciência do início [Grega/Thales, Pitágoras etc.] com seus elementos fantasiosos. Depois a mitologia da natureza, animística e demonológica, se transforma, pouco a pouco, numa mitologia mecânica e automática e, enfim, numa mitologia dinâmica. (Mach & Hiebert, 1905/1976, p. 77)

Por mitologia dinâmica entenda-se a consideração das forças de atração e repulsão como fundamentos para compreensão dos movimentos (cf. Fulgencio, 2008, 2016).

Mas por que Mach considera a noção de força e o ponto de vista dinâmico como uma *mitologia* dinâmica? Ao percorrermos a história do surgimento da noção de força na física, vemos que essa noção surge, mais especialmente, com as propostas de Galileu, Copérnico e Newton, não existindo antes disso (não havia, pois, na Grécia Antiga a noção de força, e a física, tanto em termos práticos como teóricos, pensava os movimentos em termos de proporções... tal como poderíamos imaginar pensando nisso com o modelo daquelas balanças rústicas com dois pratos suspensos equilibrados num ponto de apoio central). A noção de força é uma noção antropomórfica. Ela advém da impressão que o ser humano tem ao sofrer uma pressão no corpo e ser impulsionado, por exemplo, para trás. Tal como ocorre nessa experiência humana, supõe-se, então, que todo movimento na natureza advém de pressões, forças,

exercidas sobre os corpos. Não há, no entanto, propriamente, um referente empírico objetivo na realidade externa, apenas a sua suposição e a observação ou apreensão do movimento. Na física, discute-se como as forças funcionam, e não, propriamente, o que é uma força. No entanto, essa ideia de força tem um valor heurístico – ou seja, valor de uso – inestimável; com elas muitos problemas da física encontram solução, e torna-se possível agir sobre a realidade.

É nesse sentido que Freud reconhece, em mais de um momento na sua obra, que a ideia de pulsão é uma especulação, um *mito* (Einstein & Freud, 1933/1954, p. 212; Freud, 1933/1954, p. 95), e como tal não cabe a pergunta se é real ou ficcional, mas se ela é útil.

Noutro momento, referindo-se então à pulsão de morte, é curioso que ele mesmo reitera suas dúvidas:

Pode-se perguntar se e em que medida estou, eu mesmo, convencido das hipóteses aqui desenvolvidas. Eu responderia que não estou, eu mesmo, convencido e que não peço a outros que acreditem nelas. Mais exatamente: não sei em que medida creio nelas. (Freud, 1920/1954, p. 58)

Ainda que ele aponte a utilidade de sua proposta, afirmando que as novas pulsões elementares (vida e morte) “instauram essa simplificação que não negligencia nem viola os fatos, à qual aspiramos no trabalho científico” (Freud, 1930/1954, p. 120), mas sabendo a natureza ficcional de sua proposta, ele reconhece que esse novo dualismo pulsional capturou seu modo de pensar: “com o passar do tempo elas adquiriram um tal poder sobre mim que eu não posso mais pensar de outra maneira” (p. 115).

Noutros textos meus analisei o caráter especulativo dos principais conceitos da metapsicologia proposta por Freud, aos quais remeto o leitor para uma leitura que desejaria desenvolvimentos conceituais mais detalhados para confirmar que a pulsão de morte é uma especulação, uma metáfora, uma construção auxiliar especulativa na lógica do *como se* (Fulgencio, 2005, 2008; Fulgencio et al., 2018).

Vejamos quais foram os problemas clínicos, os fenômenos, que Freud considerou difíceis de entender (e agir sobre eles) e que o levaram a propor, para auxiliá-lo nessa tarefa, considerar um novo dualismo pulsional mais amplo que o primeiro (opondo pulsão de autoconservação à pulsão sexual) e que o englobasse.

### **Os problemas clínicos que levaram Freud a propor a noção de pulsão de morte**

Sabemos que o primeiro modelo para compreensão da vida psíquica supõe as pulsões (de autoconservação e as sexuais) como as forças básicas que impulsionam a vida psíquica, tendo o indivíduo que administrar sua vida pulsional na relação com o outro e com a vida em grupo (vida cultural), lidando, então, para isto e neste contexto, com o conflito entre o princípio do prazer e o princípio da realidade... o que parecia funcionar muito bem com os neuróticos de transferência. No entanto, começam a

surgir problemas e fenômenos que não são bem explicados por esse primeiro modelo, em especial quando o impulso ou objetivo de um comportamento ou sintoma não é o prazer ou a autoconservação, bem como em todo o campo das dinâmicas de funcionamento das neuroses narcísicas.

Freud deparou-se com problemas e fenômenos tais como a compulsão à repetição, a origem da agressividade no ser humano, a reação terapêutica negativa, os pesadelos de repetição dos neuróticos de guerra, os fenômenos hipocondríacos, que não eram bem descritos e explicados no quadro da sua primeira tópica. Ele precisava de um modelo mais abrangente, para além das pulsões de autoconservação e as sexuais, para além do princípio do prazer que animava a primeira tópica.

A percepção de que a vida psíquica não buscava apenas o prazer (ou fugir do desprazer), mas se dirigia, inexplicavelmente, para o desprazer e para a própria destruição do indivíduo e/ou de sua existência, obrigou-o a buscar algo para além do princípio do prazer, uma força psíquica mais poderosa que pudesse ser a suposição de base para explicar certos impulsos e comportamentos do homem, seja em situações patológicas seja em situações normais... Tratava-se de supor outras duas forças fundamentais, em conflito, para governar, estruturalmente, a vida psíquica.

### **Fundamentos e referências epistemológicas, na filosofia e na ciência, da noção de pulsão**

O ponto de vista dinâmico, em Freud, que coloca duas forças em conflito para explicar os movimentos da vida psíquica, corresponde a um fundamento epistemológico, de origem kantiana, que faz parte da formação científica de Freud – educado, como cientista, por Ernst Brücke, que, por sua vez, comungava com Helmholtz diversas perspectivas estruturais da maneira como se fazia ciência no século XIX, entre as quais um enquadramento epistemológico no programa de pesquisa kantiano para as ciências da natureza.

Cabe explicar o que isso quer dizer e como isso vai resultar na proposta de um ponto de vista dinâmico em Freud, seja na primeira tópica, seja na segunda.

Kant tem em mente a maneira como Newton faz ciência, e o que ele apresenta na *Crítica da razão pura* (1781/1997) corresponde aos fundamentos filosóficos e epistemológicos da *faculdade de conhecer* do homem, quando este se dedica a conhecer a natureza. Ou seja, essa obra de Kant pode ser lida como um programa de pesquisa *a priori* para as ciências naturais.

Nesse programa de pesquisa *a priori*, Kant se refere à diretriz básica para explicar os movimentos na natureza, ou seja, explicar a partir de uma série causal, sem falhas, qual é a sequência de determinações que geram ou determinam determinado movimento. Considerando, no entanto, que a toda causa corresponde um efeito e vice-versa, caberá ao cientista procurar retroativamente a série causal de determinado evento, mas isso o levaria a uma série infinita, sempre à busca da causa anterior. Então, para o bem do próprio conhecimento é necessário estabelecer um

ponto de partida, uma causa inicial anterior à qual nenhuma outra deva ser considerada, uma *causa incausada*.

Na história da física, Kant reconhece duas possibilidades: a que procura a causa do movimento num “ente” que causa o movimento, como se fosse um átomo causal para o movimento, o que Kant denomina de *ponto de vista atômico ou mecânico*; e a que considera que o movimento, em vez de ser causado por “átomo”, é causado por forças (apoiado na física de Newton) – aliás, uma infinidade de forças, mas apenas duas básicas em conflito –, o que ele denomina de *ponto de vista dinâmico*. Kant considera que o ponto de vista dinâmico é mais eficiente e menos problemático do que o atômico. A noção de força, na física (atração e repulsão), se refere a essas causas incausadas. As forças são causas incausadas e, neste sentido, estabelecidas como ideias abstratas, *ficções heurísticas*.

Freud foi formado, como homem de ciência, no Laboratório de Fisiologia da Universidade de Viena, dirigido por Ernst Brücke. Ele, na sua autobiografia, em 1925, afirma, referindo-se a Brücke: “em certo sentido, mantive-me fiel à orientação na qual me engajei inicialmente” (Freud, 1925/1954, p. 11). Notem, agora me referindo ao enquadre epistemológico seguido por Freud, o “juramento epistemológico” feito por Brücke e du Bois-Reymond, em 1842, que reza, para o cientista, o princípio dinâmico:

Brücke e eu nos comprometeremos a impor esta verdade, a saber, que somente as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo. Nos casos em que, até o momento, não é possível explicar referindo-se a essas forças, [o cientista] deve empenhar-se em descobrir o modo específico ou a fonte de sua ação, utilizando o método físico-matemático ou, então, postular a existência de outras forças, equivalentes em dignidade às forças físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão. (Du Bois-Reymond, citado por Shakow & Rapaport, 1964, p. 34)

Ora, Freud optou claramente por “postular a existência de outras forças, equivalentes em dignidade às forças físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão”, tanto na concepção das pulsões em geral, quanto na de pulsão de morte (equivalente à força de repulsão na natureza).

Assim, a noção de pulsão, ou força psíquica, em Freud é, tal como disse Mach na física, uma mitologia do ponto de vista dinâmico e, como disse Kant, uma ficção heurística.

Eu gostaria de enfatizar, pois, a importância de Kant e dos princípios da física termodinâmica, nessa ordem, como base do pensamento de Freud. A consideração do inconsciente, da atemporalidade do inconsciente, do recalque, das divisões do aparelho psíquico, da importância da sexualidade, da sexualidade infantil, do complexo de Édipo, da transferência, da resistência etc. não altera em nada o quadro epistemológico que Freud estabeleceu no seu objetivo de criar a psicanálise como um método de tratamento e como uma ciência... uma *ciência da natureza*.

Em resumo, nesta direção, o que Freud fez? Ele considerou: que a vida psíquica deve ser entendida tal como qualquer outro objeto estrangeiro ao homem, ou seja, como qualquer outro objeto da natureza; que a psicanálise é uma ciência tal como a física e a biologia; que o psiquismo é um conjunto de representações (na sua maior parte inconsciente) determinando-se mutuamente, tal como os corpos na física se determinam mutuamente; que o impulso básico da vida psíquica são as forças psíquicas (as *pulsões*), o que, no ponto de vista dinâmico, exige supor duas forças básicas em conflito (no primeiro modelo, as pulsões de autoconservação e as sexuais; no segundo, pulsão de vida e de morte); que a proposta das pulsões de vida e de morte tem seu paralelo na física, com as leis de atração e repulsão, bem como, ao considerar o homem como um ente da natureza (um sistema térmico da natureza), ele também estaria sujeito à lei universal da procura do menor nível energético possível (o mais baixo possível) e à lei da entropia (a pulsão de morte seria o análogo psíquico dessa tendência à procura do menor nível de diferença de potencial possível e à lei da entropia, logo, um impulso inato para a descarga das excitações).

Há muitas outras evidências do kantismo de Freud (cf. Fulgencio, 2008), bem como da consideração de que a sua epistemologia é a mesma utilizada por Ernst Mach (cf. Fulgencio, 2016), levando-o a afirmar e construir a psicanálise como uma ciência da natureza: a noção de inconsciente como um conjunto de representações que se determinam tal como qualquer outro sistema da natureza, a noção de pulsão como forças psíquicas fundamentais, a suposição dos *quanti* de energias ou da libido como energia psíquica, a própria metapsicologia como um conjunto de construções auxiliares especulativas de valor apenas heurístico, a procura de entendimento e explicação em função de séries causais sem lacunas.

Todos esses aspectos estão de acordo e reiteram a afirmação de Freud que sempre considerou a psicanálise como ciência da natureza – “que outra coisa ela seria?”, inquiriu num de seus últimos textos (1940/1954, p. 283). Uma ciência que utiliza uma série de conceitos e modelos teóricos (construções auxiliares) que têm valor apenas heurístico, que servem como instrumentos para pesquisar os fenômenos e suas relações de determinação recíproca e que, tal como qualquer instrumento, não são nem verdadeiros nem falsos, apenas são ou não são úteis para resolver problemas.

Certamente há aqui uma crítica a Green por ter abandonado esse aspecto da filosofia das ciências ou epistemologia das ciências, devido à possibilidade de fornecer entendimento sobre o modo como Freud pensava e, nesse contexto, inevitavelmente, sobre a sua hipótese e proposta da noção de pulsão de morte como uma construção auxiliar especulativa, um conceito metapsicológico que faz parte da superestrutura especulativa da psicanálise. Sobre isso, diz Freud (1925/1954):

Essas representações e outras similares pertencem a uma superestrutura especulativa (*spekulativer Überbau*) da psicanálise, em que cada parte pode ser sacrificada ou trocada

sem dano nem remorso, a partir do momento no qual uma insuficiência é constatada. Ainda resta, no entanto, muita coisa que está mais próxima da observação. (p. 32)

Em termos sintéticos: Green ignorou, não entendeu ou não sabia que o programa de pesquisa *a priori* para as ciências naturais corresponde a uma estrutura do modo de pensar epistemológico de Freud.

### **Nem a lógica nem a observação (empírica, clínica) podem provar a existência da pulsão de morte; ela só tem valor de uso**

As pulsões são entidades especulativas, mitológicas, elas não têm referente empírico na realidade objetiva, mas são ideias abstratas necessárias, uma ficção heurística. A pulsão de morte corresponde a uma das pulsões fundamentais que constituem o ponto de vista dinâmico (que, para explicar os movimentos, precisa supor, na estrutura desse modelo de pensamento, um par de forças em conflito, equivalentes às forças de atração e repulsão).

Freud faz o seguinte raciocínio especulativo, visando dar um conteúdo intuitivo (perceptivo) a esse conceito:<sup>[5]</sup>

- o universo é regido pela lei da entropia e caminha para o nível zero de diferença de potencial e, dado que qualquer movimento só ocorre se houver uma diferença de potencial, o universo, pela lei da entropia, caminha para a estagnação total (ou morte);
- neste sentido, a força de repulsão, por excelência, é a força fundamental;
- supondo que, numa matéria inorgânica, surja a vida (a vida sendo uma excitação da matéria inorgânica), a lei universal da entropia impulsionaria essa situação (matéria excitada, diferença de potencial entre as partes de um sistema) para a descarga e, portanto, retorno ao estado não-excitado da matéria inorgânica, ou seja, a descarga da excitação eliminaria a vida... e isto deve ter ocorrido um milhão de vezes!;
- mas suponha também que, antes de isso ocorrer, o ambiente onde está essa matéria excitada (a vida) é hostil, coloca em risco, como uma força externa, essa unidade viva recém-surgida... o que implicaria, como perigo, um aumento de excitação no sistema vivo recém-nascido. Então, antes que esse aumento de excitação ocorra, a vida se protege do ambiente hostil, protegendo-se e evitando um aumento maior da excitação... A vida tem um impulso natural para proteger-se (também compreensível no mesmo quadro da lei da entropia), surgindo assim um impulso para proteger a vida, a pulsão de vida;
- mas isso ocorre para que, num segundo momento, a força básica (entropia, descarga, pulsão de morte) possa ocorrer, o que nos leva a afirmar que a pulsão de vida estaria em função da pulsão de morte.

5. Seguindo uma necessidade apontada por Kant (1781/1997): “pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegas. Pelo que é tão necessário tornar sensíveis os conceitos (isto é, acrescentar-lhes o objeto na intuição) como tornar compreensíveis as intuições (isto é, submetê-las aos conceitos)” (p. B-75).

Não há nenhuma intencionalidade em direção à morte, nem desejo de destruição ou de morte. As forças na natureza são cegas em termos das suas intenções... Na determinação causal dos sistemas naturais (cujo modelo é o da física) não há intencionalidade, apenas determinações causais impulsionadas por princípios gerais – lei da entropia, lei da ação e reação etc.

O conceito de pulsão de morte tem seu sentido epistemológico no contexto da metapsicologia naturalista de Freud que, em termos ontológicos, considera o homem (a vida psíquica) tal como se fosse um aparelho movido por forças e energias; ele é uma construção auxiliar especulativa de valor apenas heurístico.

A pergunta sobre a existência da pulsão de morte é tal como a pergunta sobre a existência factual do mito de Adão e Eva, Pinóquio ou outra ficção com objetivos heurísticos, ou seja, não tem sentido perguntar se existe ou não, apenas se é ou não útil para entender e agir sobre determinado fenômeno. Do mesmo modo que não há prova empírica da existência de Deus, não há prova empírica (clínica) da existência da pulsão de morte – isso seria epistemologicamente impossível!

### **Críticas à pulsão de morte**

Retomarei as principais críticas que Winnicott fez à noção de pulsão de morte, escolhendo uma das perspectivas críticas a essa noção na história da psicanálise.

Winnicott escreve para Anna Freud, em 1954, comentando que as explicações metapsicológicas são um tipo de ilusão:

Estamos tentando expressar as mesmas coisas, só que eu tenho um modo irritante de dizer as coisas em minha própria linguagem, em vez de aprender a usar os termos da metapsicologia psicanalítica.

Estou tentando descobrir por que é que tenho uma suspeita tão profunda para com esses termos. Será que é porque eles podem fornecer uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe? Ou será que é por causa de algo dentro de mim? Pode ser, é claro, que sejam as duas coisas. (1987/1990, p. 51)

Winnicott escreve para Money Kyrle, em 1952, referindo-se à obscuridade do referente empírico da noção de pulsão de morte:

Você mais uma vez introduz a pulsão de vida (*life instinct; Lebenstrieb*) e a pulsão de morte (*death instinct; Todestrieb*); você diz que, se elas são parte de nossos dons inatos, um mundo perfeitamente mau seria tão possível quanto um perfeito. Esse é um exemplo da maneira como o conceito de pulsão de vida e de morte evita o campo de investigação tão rico do desenvolvimento inicial do bebê. É uma pena que Melanie tenha feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com a pulsão de vida e de morte, que são talvez o único erro de Freud. Não preciso lembrá-lo que ele tinha dúvidas a seu respeito quando introduziu o conceito pela primeira vez; e também de que o termo pulsão de morte é mal-usado na sociedade mais que qualquer outro, sendo empregado no lugar das palavras agressividade ou impulso destrutivo ou ódio, de uma maneira que, tenho

certeza, teria horrorizado Freud. (p. 37)

Nessa mesma carta a Money-Kyrle, ele considera que a ideia da pulsão de morte como um impulso para a volta ao estado sem excitação, sem vida, como um impulso de tudo que é vivo não é verdadeiro no homem e talvez nem mesmo na biologia:

Lamento que tenha introduzido aqui a pulsão de morte (*death instinct; Todestrieb*), porque ela confunde tudo e, do meu ponto de vista, é um conceito que Freud introduziu porque não tinha qualquer noção a respeito do impulso primitivo de amor. Numa discussão não teria a menor utilidade introduzir a expressão pulsão de morte, a menos que se volte diretamente a Freud e se fale da tendência dos tecidos orgânicos de retornar ao estado inorgânico, o que, no que diz respeito à psicologia, não significa absolutamente nada, exceto uma afirmação do óbvio. Provavelmente não é verdade nem mesmo na sua forma mais crua e simples. (pp. 35-36)

Ainda nessa carta, como vimos em trecho citado anteriormente, ele afirma que a pulsão de morte é o único erro de Freud:

Nesse parágrafo você mais uma vez introduz a pulsão de vida e de morte; você diz que, se elas são parte de nossos dons inatos, um mundo inteiramente mau seria tão possível quanto um perfeito. Esse é um exemplo da maneira como o conceito de pulsão de vida e de morte evita o campo da investigação tão rico do desenvolvimento inicial do bebê. É uma pena que Melanie tenha feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com a pulsão de vida e morte, que são talvez o único erro de Freud. (p. 37)

Noutro lugar, Winnicott (1971/2019) compara a pulsão de morte ao pecado originário:

Sugeri a ideia de que tanto Freud como Klein se desviaram de um obstáculo nesse ponto e refugiaram-se na hereditariedade. O conceito de pulsão de morte (*death instinct; Todestrieb*) poderia ser descrito como uma reafirmação do princípio do pecado original. Tentei demonstrar que, dessa maneira, Freud e Klein evitaram a plena implicação da dependência e, portanto, do fator ambiental [Winnicott, 1960/2022]. Se dependência realmente significa isso, então a história individual do bebê não pode levar em conta apenas o bebê. Ela também deve ser explicada em termos da provisão ambiental que atende as necessidades de dependência ou falha em atendê-las. (p. 117)

Em todas essas críticas, percebe-se que Winnicott procura entender e apontar que o conceito de pulsão de morte obscurece a compreensão dos fenômenos, gerando apenas uma ilusão de explicação, quando não explica nada, dado que não há nada que gere a pulsão de morte, nada nos relacionamentos inter-humanos que seja um fator determinante e significativo na gênese e no objetivo de determinado comportamento. Para Winnicott, o conceito de pulsão de morte obscurece a compreensão dos fenômenos: a pulsão de morte mata a discussão.

## Alternativas para resolver os problemas para os quais ela foi chamada para resolver

Abandonada, então, a ideia de que há uma pressão fundamental de uma força (carregada de um quantum energético) que precisa ser descarregada, ou um sistema termodinâmico que procura, em última instância, o equilíbrio final (segundo o princípio universal da entropia no universo físico), como o motor da vida psíquica, o impulso fundamental da natureza humana, vamos procurar noutro lugar, noutro contexto epistemológico, os motivos e/ou sentidos das ações, comportamentos e sentimentos do homem.

Ao nos debruçarmos sobre a obra de Winnicott e sua maneira de conceber a natureza humana, gostaria de retomar, primeiro, a sua afirmação de que o fundamento dessa natureza está na sua metaessência de ser e continuar a ser. Mais ainda, está na característica fundamental da saúde.

Gostaria de postular um estado de ser que é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois. Esse estado de ser pertence ao bebê, e não ao observador. A continuidade do ser significa saúde. Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor do que aquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser, e o lugar do ser é substituído pela reação à intrusão. Cessada a intrusão, a reação também desaparece e pode haver, então, um retorno ao ser. (Winnicott, 1988/1990, p. 148)

Toda a sua teoria do desenvolvimento é pensada em termos da continuidade de ser, realizável ao longo do tempo também em termos das relações de dependência que o ser humano tem ao longo da sua existência. É por isso que considere que Winnicott elaborou uma teoria do desenvolvimento do SER (Fulgencio, 2020).

Adam Phillips (1988/2007), ao falar sobre a história do desenvolvimento da psicanálise, faz a seguinte observação:

Cada teórico da psicanálise, poder-se-ia dizer, organiza sua teoria em volta do que poderia ser chamado de uma catástrofe essencial, para Freud era a castração; para Klein, o triunfo da pulsão de morte; e para Winnicott era a aniquilação do *self* central pela intrusão, como falha no ambiente de sustentação. (p. 209)

Tendo esse quadro em mente, considerando o lugar da noção de ser na obra de Winnicott, podemos, por um lado, dizer que isso faz parte de sua ontologia (a natureza humana é ser e continuar a ser, ser-consigo-mesmo-e-com-o-outro); como também que as experiências de quebra na continuidade de ser são o trauma por excelência. Isso nos levaria, então, a considerar como referentes a esse tipo de experiência os

fenômenos clínicos que a psicanálise procurar abordar. Evidentemente que isso não elimina todas as descobertas feitas pela psicanálise (especialmente as de Freud e Klein), mas acrescenta a elas esse fundamento.

Ao nos depararmos, então, com os *atos* da compulsão à repetição, da presença da destrutividade e da agressividade como constituintes da natureza humana, do suicídio, das atitudes do tipo autoagressão (*self-harm*), das grandes atrocidades da humanidade e de todos os fenômenos que foram “explicados” com o auxílio da pulsão de morte, caberia fornecer uma outra solução ou entendimento, seja ainda no enquadre da metapsicologia freudiana, seja no enquadre de outras ontologias psicanalíticas (tais como encontramos na obra de Winnicott e Lacan).

Assim, para dar um exemplo central em Winnicott, podemos comentar como ele explicaria a compulsão à repetição. Como explicaria a máxima freudiana “recordar, repetir, elaborar”? A resposta é relativamente simples: a repetição visa reparar a aniquilação do *self* sofrida no passado. Para isto, é necessário retornar a uma situação com as mesmas características da que, no passado, aniquilou o *self*, mas num momento imediatamente anterior ao aniquilamento para que, desta vez, esse aniquilamento possa ser evitado e o *self* possa (defendendo-se e sobrevivendo) viver o que foi vivido e (não tendo sido aniquilado) colocar o evento traumático, agora, no campo da memória de um *self* não aniquilado. Ou seja, com o *self* não correndo mais perigo, o evento traumático que o aniquilou no passado não poderá mais fazê-lo no presente... Winnicott diz que o acontecimento traumático foi colocado no campo de onipotência do *self* ou, dizendo de outro modo, tornou-se passado e não é mais um presente que coloca o *self* em risco, torna-se uma cicatriz de um machucado do *self*, deixando de ser, então, a ameaça presente de aniquilação. A compulsão à repetição visa integrar o acontecimento traumático (aniquilação) no campo do *self* (integrado), que assim permanece, mesmo tendo sido machucado no passado.

Creio que esse modo de compreender a repetição, seja na vida ordinária do paciente, seja no processo analítico (e na relação transferencial), nos coloca como agentes da sustentação ambiental, como agentes na relação com o paciente, de modo a poder ajudá-lo e/ou sustentá-lo nessa tarefa de sobreviver e ultrapassar os fantasmas reais que o apavoram com o medo da aniquilação.

---

### **Más allá de la pulsión de muerte**

**Resumen:** En la presente conferencia se retoma la caracterización de lo que es, en términos epistemológicos y prácticos, la pulsión de muerte para Freud. Se remite tanto al kantismo de Freud como a la afirmación de que la pulsión de muerte es una especulación, de valor solamente heurístico que tiende a explicar fenómenos tales como la compulsión de repetición y la agresividad o la

destrutividade do ser humano. Em seguida, se retomam algumas críticas a este conceito mencionado, que ha sido considerado por Winnicott como o único *error* que cometeu Freud. Além disso, se tenta mostrar algumas alternativas para solucionar os problemas que anteriormente eram explicados mediante o uso da pulsão de morte.

**Palabras clave:** pulsão de morte, especulação, Kant, Winnicott, integração

### Beyond the death instinct

**Abstract:** In this conference, I try to recover the characterization of what is, epistemologically and practically, the death instinct for Freud, referring both to his Kantianism and to the assertion that the instinct of death is a speculation of heuristic value only that aims at explaining phenomena such as the repetition compulsion and the aggressiveness or destructiveness of the human being. Then, resuming some criticisms of this notion, considered by Winnicott as being the only Freud's *mistake*, I try to show alternatives to solve problems previously explained with the use of the instinct of death.

**Keywords:** death instinct, speculation, Kant, Winnicott, integration

---

## Referências

- Einstein, A., & Freud, S. (1954). Why war?. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 22. New introductory lectures on psycho-analysis and other works (1932-1936)* (J. Strachey, Trad.; pp. 197-216). The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1954). Instincts and their vicissitudes. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 14. On the history of the psycho-analytic movement, Papers on metapsychology and other works (1914-1916)* (J. Strachey, Trad.; pp. 105-140). The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1954). Beyond the pleasure principle. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 18. Beyond the pleasure principle, Group psychology and other works (1920-1922)* (J. Strachey, Trad.; pp. 3-64). The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1954). An autobiographical study. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 20. An autobiographical study, Inhibitions, symptoms and anxiety, The question of lay analysis and other works (1925-1926)* (J. Strachey, Trad.; pp. 3-74). The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1954). Civilization and its discontents. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 21. The future of an illusion, Civilization and its discontents and other works (1927-1931)* (J. Strachey, Trad.; pp. 59-146). The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1954). New introductory lectures on psycho-analysis. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 22. New introductory lectures on*

- psycho-analysis and other works (1932-1936)* (J. Strachey, Trad.; pp. 3-182). The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1954). Some elementary lessons in psycho-analysis. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 23. Moses and monotheism, An outline of psychoanalysis and other works (1937-1939)* (J. Strachey, Trad.; pp. 280-286). The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1940)
- Fulgencio, L. (2005). Freud's metapsychological speculations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86(1), 99-123. <https://doi.org/10.1516/TNY1-6YT7-V37T-16LD>
- Fulgencio, L. (2008). *O método especulativo em Freud*. Educ; Fapesp.
- Fulgencio, L. (2016). *Mach & Freud: influências e paráfrases*. Edições Concern; Fapesp.
- Fulgencio, L. (2020). *Psicanálise do ser: a teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional como uma psicologia de base fenomenológica*. Edusp; Fapesp.
- Fulgencio, L. (Org.), Simanke, R., Imbasciati, A., & Girard, M. (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. Blucher.
- Green, A. (2010). *Pourquoi les pulsions de destruction et de mort?*. Les Éditions d'Ithaque.
- Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura* (M. P. Santos e A. F. Morujão, Trans.; com 1a ed. de 1781 (A) e 2a ed. de 1787 (B)). Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado em 1787)
- Mach, E., & Hiebert, E. N. (1976). *Knowledge and error: sketches on the psychology of enquiry*. D. Reidel Publishing Company. (Trabalho original publicado em 1905)
- Phillips, A. (2007). *Winnicott* (A. Siedschlag, Trad.). Idéias & Letras. (Trabalho original publicado em 1988)
- Shakow, D., & Rapaport, D. (1964). Nineteenth and early twentieth century background. *Psychological Issues*, 14(1).
- Winnicott, D. W. (1990). *O gesto espontâneo* (L. C. Borges, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana* (D. L. Bogomoletz, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Winnicott, D. W. (2019). A criatividade e suas origens. In *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad.; pp. 108-140). UBU. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (2022). Teoria do relacionamento pais-bebê. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (I. C. S. Ortiz, Trad.; pp. 44-69). UBU. (Trabalho original publicado em 1960)

---

### Leopoldo Fulgencio

Endereço: Rua Marcos Azevedo, 93, Pinheiros. São Paulo/SP.

CEP: 05428-050

Tel.: (11) 98140-2103

E-mail: lfulgencio@usp.br